

Dr. Robert A. Peterson, Teologia Própria, Sessão 1, Contexto Cultural

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Teologia Própria ou Deus. Esta é a sessão 1, Contexto Cultural.

Antes mesmo de começarmos a falar sobre a doutrina de Deus, busquemos a Deus.

Pai gracioso, viemos diante de ti por meio de teu Filho, no poder do Espírito Santo, e pedimos que nos abençoes, nos ensines, nos encorajes, nos guies no caminho eterno, pedimos em nome de Jesus. Amém.

Nenhuma doutrina é mais fundamental do que a doutrina de Deus. Você poderia argumentar que a doutrina das escrituras é mais fundamental, e, na verdade, eu não desafiaria isso, mas a doutrina de Deus é uma doutrina muito fundamental, digamos assim.

Em termos de erros modernos, muitas coisas são construídas sobre uma ênfase exagerada no suposto amor de Deus e uma minimização de Sua santidade ou justiça, por exemplo. No lado positivo, precisamos dar tempo para pensar sobre quem Deus é, o fato de que Deus existiu eternamente como a Santíssima Trindade, e que Ele tem atributos e qualidades. Ele nos fez à Sua imagem e nós compartilhamos em parte algumas de Suas qualidades, outras não compartilhamos de forma alguma, mas vale a pena pensar e meditar sobre as qualidades ou atributos de Deus.

Por fim, esperamos chegar, planejamos chegar às obras de Deus, Suas obras de criação e providência, com uma mera menção de redenção e consumação, porque eles são os profetas de outros cursos. Então, vamos começar com uma introdução lidando com a cultura moderna e pós-moderna, onde estamos, e como precisamos entender melhor a doutrina de Deus. Estou em dívida com David Wells, que em seu quinto livro nesta área de abordar a cultura e a necessidade de Deus ser ouvido falando através de Sua palavra na cultura e a mensagem sobre Cristo crucificado e ressuscitado e vindo novamente, o quinto livro de David Wells é Deus no Redemoinho, Deus no Redemoinho, o centro da realidade, ele diz.

O primeiro desafio, então, que temos ao tentar entender os ensinamentos da Bíblia sobre Deus tem a ver com a nossa cultura. Anthony Thistleton escreveu um livro famoso chamado The Two Horizons. Há o horizonte do texto da Bíblia, há o horizonte do intérprete.

Francamente, enfatizei o primeiro durante toda a minha carreira, mas aqueles que são apenas comunicadores excepcionais da verdade cristã, penso em John Stott e David Wells, que fundem ambos os horizontes, certamente enfatizando a palavra de Deus, mas ensinando a palavra de Deus a influenciar, a ser entendida na cultura e a influenciar aqueles que estão na cultura, porque somos, e cultos, não podemos evitar. O primeiro desafio, então, escreve Wells, tem a ver com nossa cultura. Como é que nossa cultura pode atrapalhar nosso caminho de conhecer Deus como ele se revelou? Vamos começar com uma verdade básica das escrituras.

É que Deus está diante de nós. Ele nos convoca a sair de nós mesmos e conhecê-lo. Esta é a verdade mais profunda que já encontramos, ou devo dizer, a verdade mais profunda pela qual somos encontrados.

Wells é um calvinista. E é a chave para muitas outras verdades, e ainda assim nossa cultura está nos empurrando para o padrão exatamente oposto. Nossa cultura diz que devemos entrar em nós mesmos para conhecer Deus.

Esta é a questão cultural que devemos começar a entender porque, do contrário, ela moldará como lemos as escrituras, como vemos Deus, como nos aproximamos dele e o que queremos dele. Aqui vamos nós. A fé real, isto é, a fé de um tipo bíblico, sempre teve um lado subjetivo.

Isso não está em questão. Quando ouvimos o evangelho, somos nós que devemos responder. Somos nós que devemos nos arrepender e crer.

É o Espírito Santo que trabalha dentro de nós sobrenaturalmente para nos regenerar, para nos dar uma nova vida onde havia apenas morte, novos apetites por Deus e sua verdade, onde antes não havia nenhum, unindo-nos à morte de Cristo para que possamos ter o status de filhos. E não apenas o status, mas também a experiência de sermos filhos de Deus. Recebemos, Paulo declara, o espírito de adoção como filhos, pelo qual clamamos, Abba, Pai.

O próprio Espírito testifica com nossos espíritos que somos filhos de Deus. Tudo isso, é claro, é interno. E, nesse sentido, é subjetivo.

Ela acontece nas profundezas da nossa alma e abrange tudo o que somos. De forma alguma essas verdades estão sendo questionadas quando digo que Deus está diante de nós e nos convoca a sair de nós mesmos e conhecê-lo. Mas o que significa dizer que Deus está diante de nós? Que ele é, em certo sentido, objetivo para nós? Bem, diz, vamos começar a alguma distância da fé cristã e trabalhar lentamente em direção ao centro, onde realmente queremos estar.

Ao longo do caminho, pensaremos sobre como nossa experiência nesta cultura pressionada, cheia, afluyente e globalizada molda nossa compreensão de quem Deus é e o que esperamos dele. Deus está lá fora em algum lugar. Que Deus esteja diante de nós parecerá uma declaração nada excepcional.

Quando algumas pessoas ouvem essas palavras, elas podem pensar apenas que Deus existe e que ele está em nosso mundo. No Ocidente, o número daqueles que acreditam na existência de Deus geralmente está na faixa de 90-97%. 90-97.

Em 2013, porém, apenas 80% dos americanos se colocaram nessa categoria em um estudo da Pew. No entanto, quando aqueles que subscrevem o novo ateísmo zombam dessa crença na existência de Deus, uma ilusão, segundo eles, como Richard Dawkins a chama, um anacronismo, como Peter Steven Pinker declara, Steven Pinker declara, e apenas um conjunto de fantasias, diz Sam Harris, eles se encontram fora do mainstream em todas as nossas culturas ocidentais. Além disso, cerca de 80% das pessoas no Ocidente também se consideram espirituais, entre aspas.

Notavelmente, isso é verdade até mesmo na Europa, onde os processos de secularização têm ocorrido muito profundamente por um longo tempo. Mas a verdadeira questão a ser feita sobre a crença na existência de Deus é esta. Que peso essa crença tem? O Congresso dos EUA colocou as palavras, In God We Trust, em nossa moeda de papel em 1956.

Mas também está claro que essa crença para muitos é um pouco tênue e periférica em relação a como eles realmente vivem. Eles acreditam na existência de Deus, mas é uma crença sem muito valor monetário. Dizer que Deus está diante deles, portanto, seria um tanto sem sentido.

Não tem necessariamente o peso para definir como eles pensam sobre a vida e como vivem. De fato, uma das marcas definidoras do nosso tempo, pelo menos aqui no Ocidente, é o ateísmo prático que é verdadeiro para tantas pessoas. Elas dizem que Deus está lá, mas então vivem como se ele não estivesse.

Como uma pessoa pensa sobre Deus, Paul Fries e Christopher Bader mostram em seus *America's Four Gods*, que o que dizemos sobre Deus e o que isso diz sobre nós é moldado por suas respostas a duas outras perguntas. Primeiro, Deus alguma vez intervém na vida? Segundo, Deus alguma vez faz julgamentos morais sobre o que fazemos e dizemos? Se respondermos sim a ambas as perguntas, então dizer que Deus está diante de nós significará algo totalmente diferente do que significaria se respondêssemos a essas perguntas negativamente. Se pensarmos que Deus tem uma abordagem não intervencionista à vida, como pensamos em estar na presença será uma coisa.

Se achamos que ele tem uma abordagem prática, seria algo bem diferente contemplar o que significa estar em sua presença. Deveríamos então pensar nele como um senhorio que mantém o prédio em reparos, mas não interfere na vida daqueles que vivem lá? Deveríamos pensar nele mais como uma líder de torcida que grita encorajamento das laterais, mas não está no jogo? Ou um terapeuta que sempre mantém um relacionamento de braços dados com o paciente para que a análise não seja distorcida por alguém que sabe que, no final, é o paciente que deve endireitar seu próprio navio? Deveríamos pensar em Deus como alguém que não julga, alguém que guarda seus pensamentos para si mesmo? Esta é uma direção na qual nossa cultura está nos empurrando. Deus não interfere.

Ele é um Deus de amor e não julga. O outro ângulo aqui é o quanto Deus se importa com nossas fraquezas e falhas. De fato, o quanto ele sabe e que peso ele dá a diferentes falhas? Nosso é um dia em que as informações sobre o mundo, sobre suas guerras, tragédias, sofrimentos e ódios são instantâneas e simultâneas.

Estamos nos tornando conhecedores por meio da TV e da Internet de tudo o que acontece de significativo. E de muito do que é totalmente insignificante também. Isso levanta algumas questões interessantes em nossas mentes.

Dadas as crueldades que acontecem no mundo, Deus realmente se importa com nossos próprios pecadilhos particulares e comparativamente pequenos? Ele fica irritado por um pequeno momento de engano aqui ou ali quando estamos simplesmente tentando evitar constrangimentos? É tão terrível mentir se não há malícia? Que tal uma fraqueza sexual à qual não podemos resistir? Ou uma pequena autopromoção que se afasta dos fatos? Ele fica obcecado com essas falhas privadas? Ele realmente se importa? Ou ele é grande e generoso e ignora o que não podemos mudar? Ele não está mais preocupado em nos animar do que em nos condenar? É para isso também que nossa cultura quer nos levar. Ouvimos esse modo cultural de pensar sendo ecoado até mesmo na igreja. Joel Osteen, pastor do maior público de igrejas da América, sem mencionar seus seguidores mundiais de 200 milhões, nos leva por esse caminho toda semana.

Em suas visões açucaradas, Deus é nosso maior impulsionador, que infelizmente está frustrado por não poder nos encher de mais saúde, riqueza, felicidade e autorrealização. A razão é simplesmente que não estendemos nossas mãos para pegar essas coisas. Deus realmente, realmente quer que as tenhamos.

Se não os temos, bem, a culpa é nossa. Na verdade, a mensagem de Osteen não é muito diferente da maneira como a maioria dos adolescentes americanos pensa sobre Deus hoje. Em sua busca pela alma, Christian Smith nos deu o fruto de um grande estudo que ele conduziu sobre nossos adolescentes.

Foi lançado em 2005. O que é realmente impressionante neste estudo é a descoberta de Smith de que a visão de Deus é dominante entre a maioria desses adolescentes. Ele chama isso de deísmo moralista e terapêutico.

A visão dominante, mesmo entre adolescentes evangélicos, é que Deus fez tudo e estabeleceu uma ordem moral, mas ele não intervém. Na verdade, para a maioria, ele nem é trinitário. A Encarnação e a Ressurreição de Cristo desempenham um papel pequeno no pensamento adolescente da igreja, mesmo no pensamento adolescente evangélico.

Eles veem Deus como alguém que não exige muito deles porque ele está principalmente envolvido em resolver seus problemas e fazê-los se sentir bem. Religião é sobre experimentar felicidade, contentamento, ter Deus resolvendo os problemas de alguém e provendo coisas como casas, internet, iPods, iPads e iPhones. Esta é uma visão disseminada de Deus dentro da cultura moderna, não apenas entre adolescentes, mas entre muitos adultos também.

É a visão de Deus mais comum em contextos ocidentais. Esses são os contextos de tecnologia brilhantemente espetacular; a abundância produzida pelo capitalismo, a enorme gama de oportunidades que temos, as escolhas infinitas em tudo, de pasta de dente a viagens, e o fato de que agora temos conhecimento de todo o mundo ao qual estamos conectados. Todos esses fatores se interconectam em nossa experiência e fazem coisas estranhas à maneira como pensamos.

Mais importante, eles obviamente fizeram coisas estranhas com a forma como pensamos sobre Deus. De fato, Ross Douthat, em seu *Bad Religion*, fala disso como uma heresia generalizada que agora varreu a América. Ele está bastante correto ao dizer que a maioria das pessoas não pensaria em heresia dessa forma.

No entanto, o que tantos americanos pensam sobre Deus é uma distorção do que é verdade. Como distorção, é um substituto para a coisa real. É por isso que é herético.

Então, por que as pessoas estão pensando assim? Deixe-me tentar responder o que é, sem dúvida, uma pergunta altamente complexa. Novamente, estou em dívida com David Wells por esta análise cultural, que claramente não é meu forte. Mas preciso dela.

Um paradoxo. Este contexto, este mundo altamente modernizado, produziu o que David Myers chama de paradoxo americano. Na verdade, este paradoxo não é unicamente americano.

É encontrado em todo o Ocidente. E, cada vez mais, está sendo visto fora do Ocidente. Em partes prósperas da Ásia, por exemplo, a mesma coisa está se tornando evidente.

E esse paradoxo leva naturalmente à visão predominante de Deus. Então, qual é o paradoxo? É que nunca tivemos tanto, e ainda assim nunca tivemos tão pouco. Nunca tivemos mais escolhas, educação mais facilmente acessível, mais liberdades, mais afluência, aparelhos mais sofisticados, mais carros, casas melhores, mais conforto ou melhor assistência médica.

Esse é um lado do paradoxo. O outro lado, porém, é que, por todas as medidas, a depressão nunca foi tão prevalente, a ansiedade mais alta ou a confusão mais disseminada. Não estamos mantendo nossos casamentos muito bem juntos.

Nossos filhos estão mais desmoralizados do que nunca. Nossos adolescentes estão cometendo suicídio na maior taxa de todos os tempos. Estamos encarcerando mais e mais pessoas, e a coabitação nunca foi tão disseminada.

Na verdade, em 2012, na América, 53% das crianças nasceram fora do casamento. Essa nova norma é um preditor seguro da pobreza futura para muitas dessas crianças. Esse paradoxo não é inteiramente novo.

Quando Alexis de Tocqueville, o francês, visitou a América na década de 1830, ele notou que, embora algumas pessoas tivessem se tornado abastadas, também havia entre elas uma, entre aspas, estranha melancolia. Elas haviam alcançado uma igualdade entre si em um nível político. No entanto, na frente social, quase todos conheciam alguém que tinha mais do que eles.

Igualdade política não produzia resultados iguais em termos de riqueza e posses. Pelo menos foi assim que Tocqueville explicou aquela melancolia que ele viu. Se essa era a explicação real não é realmente importante.

O importante é que a abundância não é necessariamente uma bênção imaculada e incondicional. Nós deveríamos, é claro, saber disso porque foi o que Jesus disse há muito tempo. No entanto, hoje, esse paradoxo cultural está extremamente agravado e estamos em um lugar culturalmente bem diferente da América que Tocqueville viu há quase dois séculos.

Muitos terapeutas estão descobrindo agora que esse paradoxo se instalou na vida daqueles que vêm vê-los. Entre eles, há muitos que são mais jovens. Eles frequentemente relatam que, embora tenham crescido em bons lares, tivessem tudo o que queriam, tenham ido para a faculdade, talvez tenham entrado no mercado de trabalho, eles ainda assim ficam perplexos com o vazio que sentem.

A autoestima deles é alta, mas o eu deles é vazio. Eles cresceram ouvindo que podiam ser qualquer coisa que quisessem ser, mas não sabiam o que queriam ser. Eles são infelizes, mas parece não haver motivo para a infelicidade deles.

Eles estão mais conectados a mais pessoas pela internet, e ainda assim nunca se sentiram tão solitários. Eles querem ser aceitos, e ainda assim muitas vezes se sentem alienados. Nunca tivemos tanto.

Nunca tivemos tão pouco. Esse é o nosso paradoxo. Essa experiência de dois lados é provavelmente a melhor explicação para como tantas pessoas, adolescentes e adultos, estão agora pensando sobre Deus e o que querem Dele.

Por um lado, a experiência de abundância, de opções aparentemente ilimitadas, de oportunidade, de níveis sempre crescentes de afluência, quase inevitavelmente produz uma atitude de direito. Até recentemente, cada geração sucessiva presumia que se sairia melhor do que a geração anterior. Cada uma começou onde a anterior parou.

Essa expectativa não tem sido irrealista. É assim que as coisas têm funcionado. Não é difícil ver como esse tipo de direito naturalmente se transfere para nossa atitude em relação a Deus e Suas relações conosco.

É o que nos leva a pensar nele como um líder de torcida que só quer nosso sucesso. Ele é um impulsionador, um treinador inspirador, uma fonte de prosperidade sem fim para nós. Ele nunca interferiria conosco em nossa busca pela boa vida, com a qual queremos dizer a busca pelas coisas boas da vida.

Nós O vemos como uma fonte inesgotável dessas bênçãos. Ele é nosso concierge. Os provedores do evangelho da saúde e da riqueza, um evangelho, entre aspas, que está sendo exportado do Ocidente para as partes subdesenvolvidas do mundo, parecem bastante alheios ao fato de que sua visão da fé cristã está enraizada nesse tipo de experiência.

Se não tivessem desfrutado da expertise médica ocidental e da riqueza ocidental, é bastante duvidoso que pudessem ter pensado que o cristianismo é tudo sobre ser saudável e rico. Pelo menos na longa e sinuosa jornada da Igreja pela história, nunca ouvimos nada exatamente assim antes. O que parece estar acontecendo é que esses provedores desse chamado evangelho assumiram certos objetivos na vida.

Ter a riqueza desejada e saúde suficiente para aproveitá-la. A fé então os autoriza a obter essas coisas de Deus. Onde esse tipo de cristianismo foi exportado, por exemplo, para muitos países na África, essa é a fé que está sendo anunciada.

Isso é bem literal. Ao sair do aeroporto em Joanesburgo, África do Sul, alguns anos atrás, notei um outdoor com uma pergunta simples. Ele perguntava: você quer ficar rico? Abaixo dessa pergunta havia um número de telefone que me disseram pertencer a um ministério de saúde e riqueza.

Em muitas cidades africanas, de fato, há centros de milagres onde os aflitos pagam um preço e vão para obter seu milagre. Pelo menos eles têm a garantia de que um milagre pode ser obtido. Os cambistas do templo irritaram tanto Jesus que ele os jogou fisicamente para fora do prédio.

Mas nós levamos sua progênie modernizada no movimento de saúde e riqueza em nosso ritmo. Eles simplesmente se misturam em nossas sociedades de consumo e nossas expectativas de que Deus está lá a nosso dispor. Eles são simplesmente parte do vasto e extenso império evangélico.

Embora seja o caso de nós, modernos, termos tido essa experiência de abundância, também é o caso, e esse é o outro lado do paradoxo, que nossa experiência de abundância é acompanhada pela experiência de vazio e perda. Carregamos dentro de nós tantos déficits, uma sensação de dureza da vida, frustrações no trabalho, relacionamentos machucados e quebrados, famílias despedaçadas, uma incapacidade de sustentar amizades duradouras, falta de um senso de pertencimento a este mundo e uma sensação de que ele é vago e hostil. Então, buscamos em Deus algum bálsamo interno, algum alívio para essas feridas.

Nós nos inclinamos a pensar em Deus como nosso terapeuta com V maiúsculo. É conforto, cura e inspiração que mais queremos profundamente, então é isso que buscamos nele. Isso também é o que mais queremos da experiência da igreja. Queremos ser reconfortantes, edificantes, inspiradores e fáceis para a mente.

Não queremos que o domingo, ou talvez o sábado à noite, seja mais um dia de trabalho, mais um fardo, algo que exija esforço e concentração. Já temos fardos e lutas suficientes, coisas suficientes para nos concentrarmos em nossa semana de trabalho. No fim de semana, queremos alívio.

Não é difícil ver então como essa experiência de dois lados, esse paradoxo, moldou nossa compreensão de Deus. Ela nos deixa com um anseio por um Deus que se aproxime, que ande suavemente, que toque gentilmente, que venha para elevar, assegurar conforto e guiar. Queremos que nosso Deus seja receptivo e não julgue.

Também nos deixa com a expectativa de que, de alguma forma, esse Deus da abundância nos dispensará suas maiores e generosas porções, talvez até mesmo por

meio de uma vitória na loteria. Talvez pudéssemos ganhar na Powerball, ou talvez algum prêmio de sorteio. Esse é o tipo de Deus que queremos.

É assim que esperamos que ele seja. Deus desaparece dentro. Novamente, estou lendo esses longos trechos de *God in the Whirlwind*, de David Wells, porque acho que eles são muito apropriados para nos ajudar a entender onde estamos.

Eles não substituem o ensino da Palavra de Deus, mas nos ajudam a entender a necessidade do ensino da Palavra de Deus. E nós mesmos não fomos absolutamente protegidos de nenhum desses pensamentos. Certamente nossas famílias e entes queridos, filhos e netos, por exemplo, foram afetados por algumas dessas correntes dentro de nossa cultura.

Deus desaparece dentro. Essa atitude, como temos argumentado, provavelmente cresce a partir de nossa experiência. Mas nossa experiência repousa em nada menos que uma mudança das placas tectônicas sob nossas sociedades ocidentais.

É o produto final de pelo menos duas megamudanças intimamente relacionadas que estão em andamento em nossa cultura desde pelo menos a década de 1960. Elas são, primeiro, que em nossas mentes, saímos do mundo moral mais antigo em que Deus era transcendente e santo, e entramos em um novo mundo psicológico em que ele é apenas iminente e amoroso. Esta é a estrutura na qual agora entendemos tudo.

Isso significa que as mudanças em nossa maneira de ver as coisas que estão enraizadas em nossa experiência agora serão confirmadas em nosso contexto cultural. Segundo, agora estamos pensando em nós mesmos em termos não da natureza humana, mas do self. O self é simplesmente um núcleo interno de intuições.

É o lugar onde nossa própria biografia única, gênero, etnia e experiência de vida se reúnem em um único centro de autoconsciência. E cada eu é único porque ninguém tem exatamente o mesmo conjunto de fatores pessoais. Não é surpresa que agora estejamos inclinados a ver a vida para entender o que é verdade e pensar sobre o certo e o errado de maneiras exclusivamente individuais.

Cada um de nós tem sua própria perspectiva sobre a vida e seu significado, e cada perspectiva é tão válida quanto qualquer outra. E nenhuma delas é enquadrada por normas morais absolutas. É aqui que vive a esmagadora maioria dos americanos.

Essas mudanças eu tento descrever em meu *Losing Our Virtue, Why the Church Must Recover Its Moral Vision*, um dos cinco livros importantes de David Wells. Embora o mundo moral perdido e o surgimento do novo self possam ser descritos

separadamente, eles realmente acontecem juntos, e cada um alimenta o outro. Vamos prosseguir com isso brevemente.

Nos anos 60, quando essas mudanças culturais estavam em andamento, elas pareciam bem radicais. Isso estava no cerne da nova esquerda insurgente. Os livros influentes da época, como *The Making of a Counterculture*, de Theodore Roszak, e *The Greening of America*, de Charles Reich, eram um ataque à racionalidade iluminista como se, como o Iluminismo supôs, nossa razão fosse totalmente imparcial.

Mas o outro lado dessa mensagem era uma preocupação implacável com o eu, com suas intuições e estados, e isso, é claro, andava de mãos dadas com a maneira como a cultura estava trabalhando nas pessoas. O que havia começado na nova esquerda radical com o tempo se transformou nas suposições comuns do mundo pós-moderno. Essa radicalização se tornou mainstream, e disso surgiu o que Philip Reif chamou de homem psicológico.

Esta é a pessoa que é despojada de todos os pontos de referência fora de si mesma. Não há mundo moral, nem direitos e erros supremos e ninguém a quem ela seja responsável. A realidade interior desta pessoa é tudo o que conta e ela é intocada por qualquer obrigação de comunidade ou entendimento do passado ou mesmo pelas intrusões de Deus de fora.

A base sobre a qual as vidas estão sendo construídas é que não há nada fora do eu sobre o qual elas possam ser construídas, e esse eu só quer ser satisfeito. Ele não vê razão para ser salvo. Este é um deísmo terapêutico cuja moral é autofocada e autogerada.

No rescaldo da década de 1960, as palavras que entraram na moda para descrever tudo isso foram individualismo, narcisismo, geração eu e a era de Aquário. Foi a época da meditação transcendental e do superstar Jesus Cristo. Isso forneceria o material para livros como o romance brilhantemente ácido de Tom Wolfe, *The Bonfire of the Vanities*.

Este romance retrata Nova York na década de 1980 através das lentes de quatro personagens vulgares que não têm bem maior do que seu próprio interesse próprio e realmente nenhum outro eu além daquele que projetam em sua aparência. Eles são vaidosos e vazios. Eles não são nada além de uma coleção de poses e autoprojeções.

Mais tarde, seria paralelo ao filme *Wall Street*, de Oliver Stone, de 1987. Este filme seguiu as vidas de alguns corretores de Wall Street que eram movidos unicamente pela ganância e que habitavam um mundo totalmente amoral. Em alguns, a nova

preocupação terapêutica da geração eu iria, é claro, infiltrar-se na igreja, embora em versões menos gritantes e mais higienizadas.

Olhando para trás, para esse tempo, Wade Clark Roof disse que uma das marcas definidoras da geração boomer era sua distinção entre os aspectos internos e externos da religião. Ou seja, entre o que é chamado de espírito e instituição. O aspecto institucional da fé cristã, a igreja, passou a ser visto com ceticismo.

Em vez disso, a credibilidade foi dada ao que é interno, não à doutrina da igreja, que outros formularam, não à autoridade da igreja, de fato, nem a nenhuma autoridade externa. Em vez disso, é em intuições privadas que Deus é encontrado. Os boomers eram crentes em seus próprios mundos privados e descrentes no que a igreja faz e diz.

Aqui, de fato, estavam as sementes que, até o final da década de 1990, produziram por todo o Ocidente milhões de pessoas que eram espirituais, mas não religiosas. Tanto na América quanto na Europa, cerca de 80% dizem que eram espirituais e, embora isso incluísse um número que também era religioso, havia muitos dos espirituais que eram decididamente hostis a todas as religiões. Eles se opunham às doutrinas nas quais deveriam acreditar, às regras que deveriam seguir e às igrejas que deveriam frequentar.

Eles resistiram a cada um deles. Eles não seriam sobrecarregados por expectativas religiosas ou sociais que outros impuseram a eles. Os impulsos que começaram na década de 1960 se tornaram dominantes na década de 1990 e, claro, a TV e a internet alimentaram essa disposição.

Há um número surpreendente de pessoas que obtêm elevação espiritual semana após semana apenas no conforto de suas próprias salas de estar ou de seus computadores. Elas nunca vão à igreja. Bem, elas vão à igreja, mas o fazem à sua maneira.

Quando Roof fez sua análise, ele descreveu isso como um hábito geracional. Isso, ele disse, é como os boomers são. A verdade é, porém, que essa perspectiva não é grande em uma única geração.

Aqueles que seguiram os boomers, a Geração X e depois os millennials tinham exatamente os mesmos hábitos. Foi isso que o estudo de Smith sobre adolescentes também captou. Não, isso não é uma questão geracional.

Era e é uma questão cultural. É isso que está acontecendo com pessoas que vivem em meio a uma sociedade altamente modernizada. Elas estão no meio do paradoxo

americano e são parte integrante tanto de seu humor pós-moderno quanto de suas soluções.

Este foi o solo em que Oprah construiu seu império televisivo. Os seguidores que assistiam ao seu programa semana após semana eram tão convencionais quanto torta de maçã em suas próprias mentes. O flautista que eles seguiam, no entanto, realmente não é.

Ela anunciou uma era em que Deus é encontrado no eu, quando a salvação é apenas sobre terapia, a felicidade está logo ali na esquina e o consumo é um direito de todos. E a próxima coisa, e a coisa boa sobre Oprah, é que ela mesma não é perfeita na torrada. Ela é tão humana.

Suas falácias e deficiências estão todas em exposição em momentos de dolorosa honestidade. Era como se ela estivesse em seu próprio confessionário privado, embora confessando para si mesma, mas o mundo inteiro tivesse o privilégio de ouvir. As atitudes culturais que Oprah explorou, é claro, afetaram muito mais do que apenas satisfação pessoal ou mesmo religião.

Em seu *Twilight of Authority*, Robert Nisbet escreveu sobre como essas atitudes minaram todo o processo político. Em geral, ele disse, dada nossa autopreocupação, nosso foco total em nós mesmos, há um recuo do que é importante para a comunidade para o que é importante apenas para o indivíduo. Do pesado para o efêmero, dos outros para nós mesmos.

E nossa conversa nacional sobre essas coisas está tão distante quanto poderia estar dos dias em que as pessoas tinham o bem da nação em suas mentes. Talvez o epítome disso tenham sido os sete debates Lincoln-Douglas de várias horas de duração em 1858, relatados nacionalmente por jornais quando questões sérias eram seriamente debatidas em grande extensão. Agora, nossas questões nacionais são debatidas na TV quando uma nação se torna absorta em trivialidades, disse Neil Postman em *Amusing Ourselves to Death*, quando a vida é reduzida a nada além de entretenimento e a discussão pública do bem-estar da nossa natureza é realizada na conversa infantil de pequenos trechos sonoros da TV, então estamos sentindo os primeiros cheiros da morte cultural.

Não há mais uma maneira de falar sobre o que é bom e não há mais apetite para falar sobre qualquer bem que não seja o interesse próprio privado. Chegam aqueles momentos na vida de uma nação, como Guinness escreveu quando seu povo se levanta contra os princípios fundadores de sua própria nação. Este é um desses momentos na América.

É muito mais perigoso do que qualquer ataque terrorista. É, de fato, um suicídio de pessoas livres, como ele coloca no título de seu livro. Por quê? Porque o que mantém uma república unida nunca foi simplesmente a Constituição e nossas leis.

A lei é um instrumento extremamente contundente quando se trata de controlar o comportamento humano. Há muitas coisas que são antiéticas que não são ilegais. A maioria das mentiras, por exemplo, não é ilegal, mas é sempre antiética.

Nossas leis criminais e civis podem controlar apenas uma parte do nosso comportamento. É a virtude que faz o resto, e é precisamente isso que está sendo corroído nessa cultura autoorientada e autoconsumida. Aqui está o ácido que está corroendo as fundações da nação, degradando valores objetivos, desenraizando costumes mais antigos e deixando as pessoas sem um senso claro de propósito e, na verdade, sem nenhum propósito, além de seu próprio interesse.

Sob o sol pós-moderno, todos têm direito à sua própria versão da realidade. Quando isso acontece, qualquer cultura perde sua capacidade de renovar sua própria vida. A cultura do passado é então convertida em fórmulas superficiais que flutuam no ar, nas ondas e em nosso passado, de pessoa para pessoa, na internet.

É servido novamente como kitsch, e todos fingem que é a mesma coisa profunda e antiga que já foi. Não é. Quando isso acontece, estamos no crepúsculo da cultura americana, como argumenta Morris Berman.

As coisas ficam confusas. Essa disposição foi articulada por Jean-François Lyotard em seu *The Postmodern Culture*. Com toda sua prolixidade francesa, sua estranheza, parecia um desajustado na América, como os livros são.

Mas nós mesmos já tínhamos avançado por esse caminho, talvez não com o mesmo autor francês, mas ainda assim em direção às mesmas conclusões. Escritor após escritor e filme após filme na década de 1990 presumiram que não havia realidade independente, nenhuma realidade lá fora. O que temos, cada um de nós, é uma estrutura privada de entendimento, e não há fatos nos quais nos apoiar.

Os fatos existem apenas quando passamos a entendê-los dentro de nossos próprios mundos particulares. Thomas Kuhn, que escreveu sobre a criação de teorias científicas, agora era amplamente invocado para explicar muito do que estava acontecendo na cultura. Todos começaram a falar de mudanças de paradigma tão facilmente quanto falavam de hambúrgueres e batatas fritas.

Foi assim que os limites entre as coisas começaram a ficar um pouco incompletos, depois a desaparecer. A América estava pronta para isso. Como observa James

Livingstone, os americanos não precisaram de estímulo de radicais com estabilidade para seguir esse caminho.

Há uma série dessas fronteiras caídas das quais devemos estar cientes. A distinção entre alma e corpo foi uma fronteira que desapareceu cada vez mais depois da década de 1960, quando nossa cultura começou sua autotransformação. Tudo o que somos, veio a ser assumido e então afirmado, é animal.

Tudo o que somos é apenas nosso corpo. O problema é, porém, que neste novo mundo, lutamos para encontrar a realidade pessoal. Nem sempre sabemos como expressar nossa individualidade.

Ansiamos por algo que nos diferencie de todos os outros. Um pouco de decoração externa, como piercing e tatuagem, ajuda. Na verdade, não eram apenas tatuagens.

Era tudo o que acompanhava ser legal. Tudo o que fazia alguém se destacar como um corpo único, diferente. Nessa diferença, misterioso, e nesse mistério como algo que era, bem, tão desejável.

É disso que se trata a vida. Mas se a distinção entre nós e os animais foi deixada de lado, então isso abre uma nova discussão sobre direitos. Foi o que aconteceu depois.

Com semblantes sinceros, houve aqueles que nos garantiram que os animais não são diferentes dos humanos e devem ter os mesmos direitos. Foi até proposto que os animais merecem ter advogados para ajudá-los a garantir esses direitos. Embora, se me permite dizer, nenhum animal merece alguns dos nossos advogados.

Isso é nojento. Esse desaparecimento de limites aconteceu não apenas em relação ao corpo, mas ao gênero também. A manipulação do gênero e sua flexão permanecem nas bordas da sociedade, entre outros exóticos.

Mas a homossexualidade é um assunto completamente diferente. A homossexualidade ganhou aceitação cultural significativa, e essa aceitação agora está bem no mainstream. De fato, estava bem no centro do discurso de posse do presidente Obama em 2013.

Que haja amplo apoio à homossexualidade é em si significativo. Mas de muito maior importância é o fato de que é apenas uma parte de um esforço profundo e multifacetado para redefinir a família. Estamos no meio de um experimento social massivo.

Estamos redefinindo o bloco de construção mais básico de qualquer sociedade. Os marxistas tentaram redesenhar o sistema de classes de sua época. Essa tentativa agora está em ruínas.

Hoje, muitas sociedades ocidentais estão tentando um experimento igualmente ousado para reescrever as regras básicas de sua sociedade sobre famílias. Suspeita-se, porém, que o resultado não será muito diferente. Quando esses experimentos sociais entram em colapso, eles trazem consigo imensa confusão, desordem e sofrimento.

Mas isso não é a única coisa que estamos vendo. Uma vez que começamos a pensar em nós mesmos como nada além de animais, não parece mais claro para nós que somos realmente tão diferentes de meros computadores. Somos apenas nosso DNA trabalhando por meio de vários mecanismos internos.

Essa era uma mente vã em alguns dos nossos filmes, como Blade Runner de uma época anterior e Matrix mais recentemente. Esse é um dilema do ovo e da galinha aqui. O que veio primeiro? Nós primeiro quebramos os limites e descobrimos que o limite mais antigo entre nós e Deus também tinha desaparecido? Ou esse limite desapareceu primeiro e, uma vez que desapareceu, toda a vida teve que ser reimaginada? Seja como for, o Deus externo agora desapareceu e foi substituído pelo Deus interno.

A transcendência foi engolida pela iminência. Deus deve ser encontrado somente dentro do eu. Uma vez que isso aconteceu, a fronteira entre o certo e o errado, pelo menos como pensávamos sobre essas coisas, caiu como uma fileira de pinos caindo.

O mal e a redenção passaram a ser vistos como dois lados da mesma moeda. Não as duas alternativas na vida. A verdade é que toda a vida está sendo reconcebida e reimaginada.

No entanto, essa tentativa de reconstrução de nós mesmos e de nossa sociedade em diferentes fundações está nos levando a um beco sem saída. A verdade é que não estamos indo muito bem. Quando Deus, o Deus externo morre, então o eu imediatamente se move para preencher o vácuo.

Mas então algo estranho acontece. O eu também morre. E com ele vão o significado e a realidade.

Quando essas coisas acontecem, tudo é possível. O romance distópico de Huxley, Admirável Mundo Novo, não parece tão distante no futuro, afinal. Sabemos que agora estamos em um trem veloz, correndo pelos trilhos.

E é absurdo pensar que, ao nos inclinarmos para o lado e cravarmos os calcanhares no chão, poderíamos ter o menor efeito na velocidade do trem. As pessoas sentem isso. Muitas sentem.

Há pânico em nossa cultura porque sabemos que nossa era está acabando. Nossos filmes de terror não são apenas histórias. Eles são uma espécie de espelho de nós mesmos.

Eles vêm à tona. O senso incipiente que temos — o senso de pavor.

A sensação de que nem tudo está bem em nosso mundo. E que lá fora está à espreita uma ameaça à espreita que não podemos ver. Sentimos intuitivamente que uma calamidade aterrorizante paira sobre nós, mas não entendemos o que é isso ou mesmo onde está.

Como somos. A igreja americana está na vanguarda do encontro com esse mundo modernizado. Como ela deve administrar esse engajamento, no entanto, tornou-se seu dilema mais desconcertante.

E também é seu desafio mais urgente. Claramente, muitas vezes foi tentado a adaptar a fé cristã a esse contexto. Em vez disso, eles tendem a confrontar o contexto onde isso é necessário.

Em vez de se tornar uma visão alternativa da vida, a fé cristã frequentemente se tornou um eco, de muitas maneiras, do que está acontecendo nesse tipo de cultura modernizada. Jesus ficaria surpreso ao ver quão fácil o reino de Deus se tornou à medida que nos tornamos relevantes para a cultura. De fato, há mudanças de partir o coração acontecendo em nossas sociedades ocidentais.

Grandes pensamentos sobre Deus. Nosso mundo está sendo abalado até os próprios alicerces. Em vez de oferecer grandes pensamentos sobre Deus, o significado da realidade e o evangelho, há igrejas evangélicas que estão oferecendo apenas pequenas panaceias terapêuticas que são doces, mas, na maioria das vezes, inúteis.

Alguém até se pergunta se algumas garotas da igreja atual poderiam ser resistentes caso encontrassem um cristianismo profundo, custoso e exigente. É por isso que precisamos voltar aos nossos primeiros princípios. E o mais básico deles é o fato de que Deus está lá e que ele é objetivo para nós.

Ele não está lá para se conformar conosco. Nós devemos nos conformar a ele. Ele nos convoca de fora de nós mesmos para conhecê-lo.

Não entramos em nós mesmos para encontrá-lo. Somos convocados a conhecê-lo somente em seus termos. Ele não é conhecido em nossos termos.

Este chamado é ouvido em e através de sua palavra. Não é ouvido através de nossas intuições. Estes são nossos princípios mais básicos porque eles lidam com nossas questões mais básicas e nosso chamado mais básico.

O chamado é conhecer Deus como ele se fez conhecido e nas formas que ele prescreveu. Devemos ouvir esse chamado dentro da estrutura que ele estabeleceu. Ele não está lá para nossa conveniência ou simplesmente para nossa cura ou simplesmente como o caixa divino distribuindo coisas de seu grande banco.

Não, estamos aqui para o serviço dele. Estamos aqui para conhecê-lo como ele é e não como queremos que ele seja. A igreja local é o lugar onde deveríamos aprender sobre isso e a palavra de Deus é o meio pelo qual podemos fazer isso.

Mas precisamos ir mais longe. Não basta saber que Deus nos deu a verdade que corresponde ao que está ali, que corresponde àquele que está ali. Além disso, esta é a palavra do próprio Deus que ele usa para se dirigir a nós pessoalmente.

Ao fazer isso, ele nos torna conhecedores de si mesmo. Ele vem de fora de nossas circunstâncias. Ele não é limitado por nossa subjetividade.

Ele é livre para invadir-nos, tornando-nos seus e incorporando-nos aos seus grandes planos redentores, que vêm se desenrolando ao longo dos séculos. O Espírito Santo repete a verdade das escrituras para nós hoje e abre nossas mentes e corações para recebê-la. Assim, não nos é dada apenas uma visão de Deus e de nós mesmos, mas a visão.

E não apenas uma visão correta e verdadeira; nos é dado o próprio Deus, que vem a nós por meio de sua palavra pela obra do Espírito Santo. É Deus quem nos faz conhecedores de si mesmo. Deus como amor santo.

Deus, então, é objetivo para nós no sentido de que estamos diante dele. Somos um canibal diante dele e um canibal dentro do mundo de sua santidade. Nós o conhecemos salvadoramente somente porque ele nos atraiu para um conhecimento de si mesmo.

Nisto consiste o amor, escreve João, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. 1 João 4.10 Nós amamos porque ele nos amou primeiro. 1 João 4.19 A maneira como o amor é definido e o que lhe dá seu corpo de significado é a morte sacrificial e substitutiva de Cristo.

Isto é o que define supremamente o amor de Deus. Isto será tomado; este é um dos nossos assuntos nestas palestras desta semana. A frase de João definindo o amor teria sido completada de forma bem diferente no Ocidente hoje.

Nisto está o amor, muitos diriam que Deus está lá para nós quando precisamos dele. Ele está lá para o que precisamos dele. Ele é amor no sentido de que nos dá conforto interior e nos faz sentir melhor sobre nós mesmos.

Ele é amor porque nos faz felizes, porque nos dá uma sensação de realização, porque nos dá coisas, porque nos cura, porque faz de tudo para nos encorajar a cada dia. Essa é a visão predominante de Deus hoje. Quando Osteen reitera tudo isso, ele mostra quão perfeito é seu toque cultural.

A visão da Bíblia, por outro lado, é bem diferente porque seu mundo é moral. O nosso hoje é profunda, implacavelmente e apenas terapêutico. O mundo da Bíblia é definido pelo caráter de santidade de Deus.

O nosso hoje não é. É psicológico. Essa é a diferença entre Deus, que é objetivo para nós, e Deus, que é subjetivo no sentido de que ele desapareceu no self.

É uma diferença essencial para nós entendermos quando começamos a pensar sobre a doutrina de Deus. Quando os pós-modernistas pensam sobre a vida em uma estrutura psicológica, eles o fazem a partir de um centro no self. É o self que determina o que a salvação significa e o que a vida significa.

Quando pensamos sobre a vida dentro da estrutura moral das Escrituras que Deus nos dá, então estamos pensando nela com Deus como seu centro. É ele em sua santidade que define a salvação que precisamos, e ele em seu amor que fornece o que precisamos em Cristo. Em uma visão pós-moderna, estamos no centro da vida.

Na visão bíblica, não somos. É Deus quem é o centro da vida. Se não entendermos essas diferenças, ficaremos perdidos quando começarmos a pensar sobre como Deus realmente se revelou.

A interação entre amor e santidade é muito difícil de manter simultaneamente. Na verdade, muitos acham que é impróprio fazer isso. No Ocidente, aprovamos muito o pensamento de que Deus é amor, mas rejeitamos o pensamento de sua santidade.

Isso, alguns dizem, é parte do passado primitivo do qual evoluímos. Chegamos à maioria e não podemos mais acreditar em mitos severos como o julgamento divino. Em contraste, há outras culturas, especialmente onde o islamismo

radicalizado está presente, que desprezam o pensamento de que Deus é amor e pensam nele apenas como sagrado.

O amor é visto como parte do sentimentalismo suave ocidental. Isso significa que suas sociedades têm apenas leis severas, juntamente com todos os mecanismos de vingança e retaliações por erros cometidos. Não há perdão.

O cristianismo, porém, combina de modo único amor e santidade porque, no caráter de Deus, eles são e sempre foram combinados. Estamos pensando aqui no amor e na santidade de Deus como abrangendo os muitos aspectos de seu caráter dos quais as escrituras falam. O termo amor santo não é inteiramente satisfatório.

Pode até sugerir o que estamos argumentando contra, que o amor é básico e a santidade é secundária. Mas não é isso que queremos dizer. O problema é que, se eu não posso usar a abreviação de amor santo, estamos presos a outras expressões muito difíceis.

A santidade de Deus e o amor de Deus em sua união um com o outro, por exemplo. Então, vamos ficar com o amor santo. Hoje, nossa tentação constante, auxiliada e instigada como é por nossa cultura, é quebrar o hífen.

Queremos o amor de Deus sem sua santidade. Queremos isso porque vivemos em nossos próprios mundos terapêuticos particulares que não têm normas morais absolutas. A santidade de Deus, portanto, se torna uma intrusão chocante e indesejada.

Seu amor sem sua santidade, no entanto, é uma daquelas coisas na vida que simplesmente não podemos ter. E, de fato, se tornará uma de nossas maiores alegrias ser capaz de entender como Deus é santo e amoroso. Chega.

Chega. Esta introdução cultural, um tanto deprimente, estabelece uma estrutura para nossa busca por Deus em sua palavra e aprendizado de fato que ele é amor santo e muito, muito mais.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensinamento sobre Teologia Própria ou Deus. Esta é a sessão 1, Contexto Cultural.